3 1761 06680318 0

BRIEF

PQD

0003858

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOSTALGIAS

(ULTIMA PROSA RIMADA)

PORTO

Typographia de Manoel Luiz de Souza Ferreira

150 — Rua das Flores — 156

1888

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/nostalgiasultim00cast

NOSTALGIAS

(ULTIMA PROSA RIMADA)

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOSTALGIAS

(ULTIMA PROSA RIMADA)

Brit
PQD
000 787

PORTO
Typographia de Manoel Luiz de Souza Ferreira
150 — Rua das Flores — 156

1888

APOUCADA OFFERTA

DE

ILLIMITADA AMIZADE AO MEU EXTREMOSO

E ESTREMADO AMIGO

JOÃO ANTONIO DE FREITAS FORTUNA

Estas quadras rimadas, a que não chamarei "poesias", para não desflorar as virginaes transcendencias da Grande Arte, foram pensadas em uma das quatro tormentosas noites que pernoitei em casa do amigo a quem as dedico.

Porto, 23 de maio de 88.

Advertencia

Esta obrinha que eu fiz é portentosa!
Não podem ir mais longe os meus desejos.
Que rara operação maravilhosa:
De lagrimas amargas fiz gracejos!

PREAMBULO

SENECA, o illustre suicida,
Ao sangrar-se com mão calma,
Demonstrava, em fins de vida,
A immortalidade da alma.

Temos certa paridade,
Se a jactancia não me engana,
— Demonstro a immortalidade
Da excelsa Tolice humana.

Nostalgias

I

Por alcantiladas serras
Divaguei muitas semanas,
Visitando varias terras
Das regiões transmontanas.

Eram aldeias tristonhas
Sentadas em penedias;
Outras viçosas, risonhas
Na lomba das serranias.

Cauto melro assobiava
No frescor dos castanheiros,
Em quanto o porco fossava
Nos lodaçaes dos quinteiros.

Lá no monte a briza olente,
Como as urnas dos lilazes;
Mas na aldeia o ambiente
Eram sulphidricos gazes.

Um genial lisboeta diz
Em tom assaz hyperbolico:
«Que se faz mister nariz
«Sobre maneira bucolico

«Para soffrer as cheirosas
«Aldeias de Portugal.»
Fallou bem! No cheiro a rozas
Lisboa não tem rival.

Rosas, fragrancias, odores
De Semirame? Ou d'Augias
Os celebrados fedores
Das sujas estrebarias?

Manet alta mente... Emfim,
Seja dito sem aggravo:
Nem Lisboa é bem jasmin,
Nem a Samardam é cravo.

Quem no lindo *Aterro* topa
Um cheiro extraordinario,
Comprehende o *Jardim da Europa*
Á beira mar... latrinario.

Quanto a cheiros não se inspira
O estro eximio em tal facto:
Quando falla a voz da lyra
Callam-se embirras do olfacto.

II

N'este cantão hospedeiro,
Se a demora se prolonga,
Vive o destro forasteiro
«Á custa da barba longa».

Encontrei abbades gordos
Que me davam refeiçoens
De bons fricassés de tordos,
Lardeados de salpicoens.

Serviam-se estes abbades
De mocetonas vermelhas;
Respectivamente a edades,
Não dominavam as velhas.

Não ha lá fórmas tacanhas,
Molles, delambidas secias;
O sol d'aquellas montanhas
Morde as carnes e endurece-as.

Que desnalgadas! que esveltas!
Que pujantes naturezas!
Na musculatura, celtas;
Nos costumes, portuguezas.

«Bons costumes».... que é sabido
De estranhos e naturaes
Que este solo ha produzido
As 11:000... talvez mais.

Raparigas d'altos seios.
Trigueiras e com suissas,
Bamboam gracis tregeitos
Com as illhargas roliças.

E vos piscam negros olhos
Com lasciva inconsciencia.
Sem reserva nem refolhos...
Não imagina vocencia!

Mas não ha n'essa manobra
O piscar d'olhos trocistas,
Que as meninas poem em obra
Na rua dos Capellistas.

Nem se pense que se ageita
D'esses gestos descompostos
Annual, farta colheita
Para a Roda dos Expostos.

Não, senhores. Tudo quanto
Mexe aquelles coraçoens,
Attinge um designio sancto
De honradas orientaçoens.

Alli Castidade e Amor
Engatam em taes colchètes
Que póde o compositor
Compôr isto em VERSALÈTES.

Nem as torpes peripecias,
Que incita o ardor metallico,
Permittem que haja Lucrecias,
Quasi todas em *italico*.

Mais que muita alli havia
Honestissima matrona,
Que tem jus á biographia
Dada á luz em *parangona*.

Sem embargo, ha canibaes
Que dizem d'estas honradas
Que 80 % ou mais
Bem merecem ser *griphadas*.

Toda a femea n'alma abriga
Sans doutrinas apostolicas:
E, se o ventre se impertiga,
Tem garantias catholicas.

Lei e egreja juntamente
(Raive de inveja o demonio!)
Preconisam altamente
Sanctas leis do matrimonio.

Lá n'aquelles penhascaes
Onde tu, oh cabra, saltas,
Não ha filhos naturaes
De romanticos paraltas.

Que rafados peralvilhos
Em terras de Traz-os-Montes
Deixassem netos ou filhos,
Não consta de boas fontes.

Petits-maîtres, que tentaram
Abrir por lá enxertias,
Ainda bem não atinaram
Com as suas freguezias.

N'aquelle gremio de ilotas,
Nos baixos e nas alturas,
Não se encontram idiotas
A fazer versejaduras.

Nem tão pouco alli tem praça
A Instrucção secundaria,
Nem a funesta chalaça
Chamada Instrucção primaria.

Que ditoso povo esse!
Desde que o mundo se fez,
Não sei que alguem lá fizesse
Exame de portuguez.

Sendo analphabetos natos,
Minhas convicções são estas:
De sujeitos litteratos
Não podem gerar-se bestas.

Nem mesmo sendo emanados
D'alguns abbades prolificos;
Que os exemplares achados
Não peccam por scientificos.

Se alli nascesse um talento,
(Tal conjectura é insania)
Como explicar o portento?
Por geração espontanea.

Como nos seios maritimos
Um carapau gera os mais,
Assim os filhos legitimos
São dos legitimos pais.

Isto é claro! Nem ha sombra
Que offusque o sol que irradia.
E o meu leitor não se assombra
De tanta philosophia?

Consulte o Hartmann... talvez
Lhe depare o INCONSCIENTE
A causal da estupidez
D'essa bruta e honrada gente.

Se de Darwin compartilha
As sabenças, ahi tem
O atavismo do gorilha
N'essas pessoas de bem.

Não ha coisa assim no mundo!
A gente n'aquellas selvas
Sente um desejo jucundo
De pastar nas frescas relvas;

Ou de trepar aos carvalhos
E, depois de os ramalhar,
Cingir a cauda nos galhos
E balouçar-se no ar.

III

Imbecis *petits-crévés,*
Se fordes ás taes aldeias,
Servi-vos dos quatro pés
Para fugir ás sereias.

D'um «estouradinho» é historica
Uma lenda, coisa rica!
Dispendeu muito em rhetorica
E muito mais em arnica.

Poz alli a natureza
Em cada Othelo dois burros;
Mas deu-lhe ao pulso a firmeza,
A força enorme dos murros.

Ha por lá homens tão fortes...
Que nem sei como contar-t'o!
Alguns d'elles tem tres mortes!...
«Foge lage que te parto.»

Predomina em todos elles
Sandeu instincto homogeneo
De quebrar o craneo áquelles
Em que brilha a luz do Genio.

E, n'este habito perverso,
Espancam a sangue frio
Quem lhe injecta prosa ou verso
Nos seios do mulherio.

O amoroso Bernardim,
Que cantou *menina e moça*,
Se lá versejasse assim,
Ai que desgraça! Que coça!

De egregios vates que entulho
Não faria a cruel Parca!
Seria morto a estadulho,
Se lá cantasse, Petrarca.

Os que lá vão á conquista
Trazem tristes desconsolos;
E são, na especie fadista,
Necessariamente tolos.

Ide lá, se sois capazes,
Exibir tolas bravatas!
Muita cautela, oh Faublazes
De costureiras baratas!

Quem no mar torpe se enloda
Naufragou rotas as velas:
Lá por cima é outra a moda:
O naufragio é das costellas.

IV

Como eu lhes vinha contando
Em tom de heroica epopeia,
Eu amava aquelle bando
De frescas moças d'aldeia.

E nenhuma se esquivava
A me ouvir lérias de amores:
Que eu a todas namorava
E a todas pedia flores.

Flores, só; beijos nem um,
Nem palpadella nefanda.
Muita flôr sem fructo algum,
Como diz Sá de Miranda.

Como a *joven Lilia* amante
Do moderno Anachreonte,
Solitario e delirante
Divagava pelo monte.

E assevero sem desculpa
Que mais de sete familias
Soffreram por minha culpa
Toleironas *jovens Lilias.*

Mas nenhuma *abandonada,*
Como a do grande Castilho.
Lá refaz-se a alma alquebrada
Com feijão, toucinho e milho.

Se eu passava na campina
Cortejando as raparigas,
Todas com voz argentina
Me descantavam cantigas.

Uma d'ellas, que passava
Por ter critica da boa,
Nos seus versos me chamava
A virgindade em pessoa.

Tanto não! Que todo o excesso
De vaidade o justo affronta;
Ainda assim não me despeço
De ser tido n'essa conta.

V

Eu, philosopho d'outr'ora,
Um pouco peripathetico,
Dei-me, evitando a plethora,
Ao regimen dietetico.

Quando vi que a força physica
A san Moral desbarata,
Apeguei-me á metaphysica,
Ao capilé e á orchata.

Nedios braços musculosos
Adelgacei quanto pude;
Meus tecidos adiposos
Derreteu-os a Virtude.

Ao invez de João Tenorio,
Converti meu osso ideal
Em singelo suspensorio
Da minha alma immortal.

Eu não sei modernamente
D'outro exemplo mais bonito;
Só me lembra antigamente
O pulchro José do Egypto.

Devo, porém, confessar
(E bom é que a Historia o note)
Que a mulher de Putiphar
Não me tirou o capote.

Fui realmente bom rapaz
Mui propenso ao Agiologio,
E seria até capaz
De entrar no Martyrologio.

(Que estylo este tão reles!
Que vergonhosas pieguices!
Não se póde ser Apelles
Quando se pintam tolices).

Tu é que deves, oh Venus!
Declarar se sim ou não
Este amor tinha venenos
Menos dignos de Platão.

Massias, assombro d'Hespanha,
Tambem soube o nome aos bois.
Se a fama não me abocanha,
Fui Massias n.º 2.

O mais que fiz foi tanger
Rude frauta e arrabil:
Nem Delille nem Gesnér
Tem quadro tão pastoril.

As velhas, que amei assim,
De tantos annos ao cabo,
Dizem, se fallam de mim:
«Aquelle pobre diabo».

D'alli sahi pudibundo,
Illeso de más paixoens,
Como Daniel do fundo
Da caverna dos leoens.

Se, emfim, memorias reuno
Do que fiz lá pelos altos,
Eu me considero alumno
Do bom systema de Malthus.

Basta, oh musa! É já de sobra
A tua justificação.
Nunca fez tamanha obra
Lovelace ou D. João.

*

Que acerbas melancolias
Eu tenho d'essas semanas
Que passei nas serranias
Das regioens transmontanas!

VI

Se rimei estes cantares
Por alta noute da vida,
Não foi para me dar ares
De ser *Phenix renascida*.

Movem-me ambiçoens extremas
N'este lyrismo d'outeiro:
É desbancar os poemas
Que fez o Guerra Junqueiro.

Sinto eu cá (e desculpai-me)
Uma suspeita immodesta:
Póde o cantor do D. Jayme
Fazer obrinha como esta?

Gravo em bronze, irrespondivel
Á vindoura geração,
Essa pergunta — um terrivel
Ponto de interrogação!

Não se escrevem Nostalgias
Como as d'este Monumento,
Sem ter soffrido agonias,
Que inspiram mais que o talento.

Não roja o Genio em pinturas
Onde não brama a tormenta;
O Genio inventa amarguras,
E a desgraça nada inventa.

D. JAYME, um hymno patriota:
D. JOÃO, pilhas de sal...
Mas onde é que geme a nota
Do soffrimento pessoal?

Não ceifastes, oh cantores,
Farta messe de alegrias?
E que transluz senão dôres
Do sorrir das NOSTALGIAS?

VII

Saudade que me motejas
Junto á sepulcral caverna,
É bem forçoso que sejas
Vivandeira na taberna.

Cinge os guizos de Arlequim
Oh tormentoso demonio,
De quem zombavam por fim
Sancto Antão ou Sancto Antonio!

Pois, se o peito me traspassa
E eu mais o peito lhe mostro,
Remocemos a chalaça,
Façamos de Cagliostro.

Ai! Se eu podesse abafal-a
Esta amarga nostalgia,
Evitára profanal-a
Com pieguices de poesia.

Não posso ser consolado,
(Um Calypso tal e qual),
Se me encontro desgraçado,
Por ser pessoa immortal.

Que Telemaco me acuda
Nos momentos de afflicção,
E que á minha dòr aguda
Nunca falte a erudição!

Se me comparo aos colossos,
Este meu cantar se afine
Do grande Hugo aos paradoxos
E aos prantos de Lamartine.

Não é poeta de raça,
Por mais que engenhe pretextos,
O que vem afoito á praça
Com mais asneiras que textos.

Seja um homem desgraçado
Se o Destino o houver escripto:
Morra embora estrangulado,
Morra, porém, erudito.

VIII

Serra saudosa, eu te lego
Estas trovas que compuz.
Ver-te? Não mais; estou cego,
E tu tão cheia de luz!...

O sol immenso que acende
Milhoens de mundos sem fim,
De tantos raios que esplende
Não tem um só para mim!

Apagado é tudo! Resta
Esconder do pranto o pejo;
Mas verdade amarga é esta:
Eu choro, porque não vejo.

Depois, faço alegres trovas,
Motejos de espedaçar;
Mas tu, sorriso, que provas?
Que é bem mais doce o chorar.

Epilogo

Que visão grandiosa, oh Dante!
Se tu visses o suicida
Não chorando, mas triumphante
No inferno da outra vida!

Marcella o ferro arrancando
Da chaga que regorgita,
Vai risonha e vai cantando
Hymnos á morte bemdita.

Não vacilla a mão que entrega
O rubro ferro ao marido;
«*Não doe,*» lhe diz; e desprega
O manto em sangue tingido.

Mostra-lhe a chaga... e desmaia.
Elle então crava-se o ferro...
E alva nuvem de cambraia
Envolve-os no seu desterro.

Taes eram sanctas e sanctos
Nas trevas do paganismo;
Actualmente não ha tantos...
Bem hajas, catholicismo.

Sobre ser grande peccado,
O suicidio é cobardia;
Que o vil se arraste humilhado,
Isso sim, que é valentia!

Foge o suicida á deshonra?
Clama a voz geral: — demente!
Não é consentido á honra
O que á insania se consente!

Nas vidas atormentadas,
Quando a dôr faz explosão,
As rimas bem concertadas
São cintos de salvação.

Receitava um grande clinico
De tuberculos moraes:
«Se não és parvo, sê cynico,
«Ganharás forças geraes.»

Lyrismo, *verve* e rhetorica
Dão hoje effeitos diversos;
Se estoira a dôr metaphorica,
Ai de ti... que lês os versos!

*

Pobres versos, que eu fiz, quando
Trasbordava d'amargura!
Ficae sorrindo e chorando
Sobre a minha sepultura.

PREÇO, 300 REIS.

A propriedade d'este opusculo pertence no Imperio do Brazil ao exc.mo snr. Commendador João Vieira da Silva.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD
0003858

01222547

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 14 14 09 003 9